

Roteiro do podcast Censos do Brasil – Episódio 5 – Censo de 1950 – Censo em julho pela única vez – Divulgado em 27 de março de 2023

[Música instrumental da época]

No ano de 1950 mais um grande evento aconteceu no Brasil. Estou falando do sexto Recenseamento Geral. Mas eu entendo se você tiver pensado na Copa do Mundo de futebol, a primeira realizada no país. O esporte já era paixão nacional e o governo se aproveitou disso para fazer propaganda do censo nos intervalos das partidas e durante as transmissões pelo rádio. Infelizmente, para a seleção brasileira, o final da história não transmite boas recordações, mas para o Censo foi um ano bom. A realização do recenseamento geral de 1950 manteve a periodicidade decenal prevista, o que ajudou a estabelecer a tradição censitária no Brasil, após período de intermitência.

Eu sou Fabio Carvalho e esse podcast é o Censos do Brasil.

Fica comigo que depois da vinheta você vai saber mais sobre essa história.

VINHETA [trechos de músicas de propagandas dos Censos compiladas: “O Brasil precisa saber para ter consciência de sua grandeza”; ”Plim, plim, toco a campainha e ouço uma voz perguntando”; “quem é? É o agente do Serviço Nacional de Recenseamento”; “o Censo está aí: você responde e o Brasil corresponde”; “quantos somos? Sim, quantos somos no Brasil?”; “para o bem do Brasil, para o seu próprio bem, receba-o cordialmente”; “bom dia minha senhora”; “vamos juntos descobrir que país é este”]

O segundo Censo realizado pelo IBGE apresentou algumas diferenças para o Censo anterior. Mas tudo bem. Estávamos no início dessa jornada, aprendendo a cada nova experiência. Dessa vez foram realizados 5 Censos: o demográfico, o agrícola, o industrial, o comercial e o dos serviços. Além desses levantamentos, ainda tivemos algumas pesquisas sobre transportes e comunicações. Dessa vez, o Serviço Nacional de Recenseamento, que 10 anos antes era subordinado a uma Comissão Censitária Nacional, ficou diretamente ligado ao IBGE. Outra mudança importante aconteceu. O número de perguntas, que era de 45 em 1940, foi reduzido para 25. Esse novo questionário foi testado entre os funcionários de várias

repartições, para avaliar sua qualidade. Foram preenchidos 348 questionários, referentes a 1582 pessoas. O teste demonstrou que os quesitos eram adequados e as instruções bem compreendidas. A data de referência para a realização do Censo também foi uma novidade. Para não coincidir com as eleições presidenciais que ocorreriam no mesmo ano, foi estabelecida a data de primeiro de julho, mais cedo do que todos os censos anteriores, que foram a campo nos meses de agosto, setembro e dezembro. Desde o Censo 2000 a data de referência da coleta é 1º de agosto.

Há ainda uma outra interessante versão sobre essa mudança de datas. Sobre ela, eu vou colocar aqui para você o trecho de uma entrevista de História Oral, realizada pela Memória IBGE, com uma pessoa muito especial, o Senhor Manoel Antônio Soares da Cunha, que participou de diversos censos e que foi muito atuante na instituição, mesmo após sua aposentadoria. O Sr. Manoel Antônio faleceu em 2019, mas deixou um grande legado. Outros trechos da sua entrevista serão usados nos próximos episódios e a entrevista completa pode ser acessada no site da Memória IBGE. Por enquanto, vamos ouvi-lo sobre a mudança na data de referência:

[Depoimento de MANOEL ANTÔNIO SOARES DA CUNHA]

“E podemos avaliar que o censo de 1950 é um censo com defeito. O censo de 1960 veio demonstrar que o censo de 1950 era com defeito, porque o censo de 1950 fugiu da data de coleta, fugiu da data de referência. Todos os censos brasileiros foram em primeiro de setembro, no censo de 1950, para efeito de economia e melhoria de qualidade de recenseador e pessoal, pensou-se que, fazendo o censo nas férias escolares se conseguiria recenseadores de melhor qualificação e como tal o censo ficaria melhor, não foi verdade, porque o estudante não é bom recenseador. Ele quando tem que voltar pra escola, ele abandona tudo.”

Bem, essas foram as diferenças, mas tivemos também semelhanças. Os instrumentos de coleta eram os mesmos e o preenchimento dos boletins também aconteceu nos moldes dos censos anteriores: preferencialmente pelo informante e, na impossibilidade de preenchimento por parte dele, o recenseador preenchia, observando a declaração oral dos moradores, é claro.

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “O Brasil precisa saber para ter consciência de sua grandeza!”

Assim como em 1940, o governo também investiu em propaganda para esclarecer e incentivar a população sobre a realização do censo. Mas não poderia atuar da mesma forma que 10 anos antes. O contexto político era diferente. Não havia mais o Departamento de Imprensa e Propaganda, o DIP, nem a possibilidade de exigir dos jornais a publicação de matérias sobre o censo. Dessa vez foi preciso convencê-los. A consequência foi um volume muito menor de matérias veiculadas, se comparado com o censo anterior. Mesmo assim, foi suficiente para contribuir com a divulgação, informando a população sobre a pesquisa e até compartilhando detalhes curiosos. Eu mesmo não sabia que, se tivessem empilhado os 120 milhões de cartões que foram usados na apuração, sua altura alcançaria 24 mil metros, correspondendo a 50 vezes a altura do Pão de Açúcar. Por essa você não esperava né?

Outros meios de divulgação foram usados: o rádio continuou sendo popular e essencial na divulgação do censo. O slogan “Ajude o Censo” era frequentemente ouvido ao longo das programações, assim como jingles e apelos para a população colaborar com o censo. Programas de grande audiência como “Nada além de 2 minutos” e o famoso “Repórter Esso”, ambos da Rádio Nacional, também ajudaram na divulgação. E, claro, havia a Voz do Brasil, que informava sobre o Censo diariamente, inclusive orientando a população no preenchimento dos boletins. Por lá o presidente Dutra fez um pronunciamento convocando todo o país para participar do Recenseamento. Como em 1940, o censo virou filme. Foi produzido um curta-metragem, dirigido pelo cineasta Luiz de Barros, que tinha dirigido importantes obras como “Samba em Berlim” e o primeiro filme falado brasileiro, chamado “Acabaram-se os otários”. O curta foi batizado de “Retratos do Brasil”, sendo produzido em 35 mm e 16 mm, com o custo de 17 mil cruzeiros, mais 1.190 cruzeiros por cada cópia entregue. A título de curiosidade, esse valor em reais, utilizando uma calculadora do Jornal O Estadão, a parte fixa ficaria em cerca de 106 mil reais. Todas as Inspetorias Regionais do IBGE receberam uma cópia e o filme foi exibido nos cinemas, ao ar livre e em auditórios. No Distrito Federal, ficou uma semana em cartaz do cinema Pathé, na Cinelândia.

E o esforço da propaganda não parou por aí! Foi uma verdadeira força-tarefa. Foram produzidos 150.000 cartazes de 4 artistas diferentes para serem afixados em locais de grande movimentação.

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “Responder honestamente é ser patriota, porque o Brasil e todos os brasileiros precisam de um bom recenseamento”.

Uma quantidade impressionante de panfletos também foi produzida e distribuída através da Companhia Telefônica, empresas de aviação, navegação e até despejados do céu com a ajuda de aeroclubes. Também foram distribuídos selos comemorativos dos Correios e cartões postais com a temática do censo. E as crianças não ficaram de fora. A ideia era que, aprendendo sobre o censo, elas poderiam compreender melhor a sua importância e ajudar seus familiares no momento da coleta. As escolas fizeram concursos de redação e desenho com a temática da pesquisa. O IBGE, por outro lado produziu e encenou pequenas peças, que foram apresentadas nas instituições de ensino infantil. As autoridades religiosas, que já haviam ajudado na divulgação em 1920 e 1940, voltaram a contribuir, recomendando a seus fiéis que participassem do censo e ajudassem a divulgá-lo.

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “Em julho de 1950: início do recenseamento geral do Brasil!”

Julho então chegou e assim, estava aberta a fase de coleta. Estavam nas ruas os 40.000 agentes censitários, com a missão de providenciar o preenchimento de 14 milhões de questionários. E em muitos lugares a tarefa não era das mais fáceis, como você deve imaginar. A seguir você vai ouvir o relato de outro importante funcionário do IBGE, Antônio Utsch Moreira, que participou dos censos de 1950, 60, 70 e 80:

[Depoimento de ANTÔNIO UTSCH MOREIRA]

“Outro problema, que nós tivemos, por exemplo, que eu tenho certeza de que muitos outros agentes tiveram, e às vezes nunca registraram é que, por falta de

informações nas zonas mais distante, às vezes nossos recenseadores eram mal recebidos, alguns recenseadores nossos em 1950 foram recebidos à pedrada. Aí um agente se comunicou urgente conosco, nem telefone tinha, mandou telegrama alarmado. Eu me desloquei para lá, procurei um vigário que tinha grande influência no local e contei para ele o que estava se passando ali. Ele deu um cartão para os fazendeiros e os nossos agentes, os recenseadores, tiveram acesso a todas aquelas propriedades. Não é uma pedrada maldosa que atiravam neles. Era a ignorância. Porque às vezes espalham uma notícia: 'Não existe guerra não, mas o Governo está querendo fazer um arrolamento de pessoal para amanhã convocar', uma coisa assim, ignorante. Nos lugares muito distantes. Isso no censo de 1950. Porque depois veio o rádio à pilha, veio tudo que chama a atenção, mostra, informa melhor."

Ainda bem que hoje isso é tudo beem diferente, não é mesmo? Bom, é melhor voltar aos questionários... Cada um deles continham perguntas relacionadas a pessoa, a família e ao domicílio. Sobre as características individuais, o boletim coletou informações sobre sexo, idade, cor, religião, estado conjugal, nacionalidade, naturalidade, instrução, atividade profissional, língua e fecundidade. Já com relação ao domicílio, foram feitas perguntas sobre localização, condições de ocupação, aluguel mensal e condições de higiene.

O Boletim do Censo de 1950 tinha menos perguntas que o anterior. Mas os quesitos que permaneceram tinham instruções muito semelhantes. Sobre o estado conjugal, o questionário apresentou as mesmas possibilidades de respostas do censo anterior, ainda sem considerar as uniões livres. Entre os casados, eram aceitos tanto o vínculo jurídico, como o exclusivamente religioso. Falando em religião, este quesito não teve alterações comparado ao censo anterior. Assim como em 1940, foi orientado que não bastava preencher o formulário com a palavra católico ou protestante, por exemplo. Era necessário especificar, utilizando termos como católico romano, luterano, presbiteriano e assim por diante. Também deveria ser declarada a religião das crianças. Para pessoas que não se identificavam com nenhuma religião, deveria ser indicada a resposta "sem religião". É bom que se diga que os agentes censitários foram fortemente orientados a aceitar a religião do declarante, seja ela qual fosse, mesmo que contrariasse suas convicções.

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “Para o bem do Brasil, para o seu próprio bem, responda com lealdade as perguntas que lhe forem feitas”.

No quesito cor, uma mudança pequena, porém importante aconteceu. Se em 1940 a opção “pardo” não existia no questionário, obrigando o preenchimento do quesito com um traço quando alguém se identificava dessa maneira, no censo de 1950 foi possível registrar o termo “pardo” nos boletins.

A decisão de excluir a categoria “pardo” da coleta do censo de 1940, “não pegou nada bem”, causou certa desconfiança de que a omissão teria servido aos ideais de branqueamento presentes à época, com a ascensão da Alemanha nazista. Em 1950 o IBGE lançou uma publicação na qual o demógrafo italiano Giorgio Mortara, que participou do planejamento daquela pesquisa, explicou:

“A preparação do recenseamento de 1940 desenvolveu-se num período em que as aberrações racistas pareciam estar encaminhadas para o predomínio no mundo. A Comissão Censitária Nacional não somente quis manter-se fiel à tradição mais honrosa da moderna civilização brasileira, a da igualdade das raças, como também procurou eliminar até a suspeita de que o quesito referente à cor, introduzido no censo com objetivos puramente científicos, estivesse destinado a servir como instrumento preparatório de discriminações sociais. A Comissão quis evitar a obrigação, para o recenseado, de aplicar a si mesmo qualificações de cor que às vezes são usadas com sentido de desprezo, e decidiu limitar as declarações explícitas aos três grupos de cor dos ‘brancos’, ‘pretos’ e ‘amarelos’, prescrevendo apenas lançar um traço a todos os que não podiam assim ser qualificados, e que constituem o grupo dos ‘pardos’, no sentido mais amplo desta qualificação.”

No mesmo estudo, Mortara admitiu que a decisão por utilizar o traço para sinalizar a variante “pardo” gerou distorções nos resultados. Segundo ele, o número de pessoas que se declararam brancos e pretos deveria ser menor, assim como o de pardos deveria ser maior. O que leva a crer que essa escolha da Comissão trouxe constrangimento para os declarantes. O resultado do Censo de 1950, em comparação com o de 1940 reforça o argumento de Mortara, uma vez que percentual de pardos aumentou de 21,20% para 26,54%, e o percentual da população preta caiu 3,68%.

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “Atenda o recenseador prezado ouvinte, prezada ouvinte, e em poucos momentos tudo estará pronto!”

Falando em resultados, tivemos a publicação da Sinopse Preliminar do Censo Demográfico em 1951. A partir daí, outros resultados foram sendo divulgados, até julho de 1953, quando a divulgação foi concluída. Essa divulgação revelou uma população de 51.941.767 pessoas, distribuídas em cerca de 10 milhões de famílias, que eram chefiadas por homens em 8 milhões e oitocentas mil delas. Tivemos boas notícias, como o aumento da expectativa de vida e diminuição da taxa de mortalidade infantil. Por outro lado, descobrimos que metade da população acima de 15 anos ainda era analfabeta. O país era predominantemente rural, com cerca de 65% das pessoas morando no campo.

TRECHO DE PROPAGANDA ANTIGA DOS CENSOS: “quantos somos? Sim, quantos somos no Brasil? Quantos sabem ler? Quantos analfabetos? E a nossa indústria? E a nossa lavoura? Quantos?”

O Censo de 1950 fez parte do Censo das Américas, em uma operação conjunta com outros países vizinhos para uma melhor compreensão do continente. O trabalho foi proposto pelo Instituto Interamericano de Estatística a pedido da ONU e seguiu padrões mínimos comuns para dar uniformidade aos dados coletados pelos países. O sucesso dessa iniciativa, assim como o do próprio censo, foi um passo importante que ajudou a consolidar a tradição estatística no Brasil.

FIM DO EPISÓDIO [Música instrumental]

O material que serviu de base para a elaboração do roteiro pode ser encontrado na Biblioteca do IBGE. Destaque para a publicação História das Estatísticas Brasileiras, de Nelson Senra.

Visite também o site da Memória IBGE. Lá você encontra muita coisa legal sobre a trajetória da Fundação ao longo do tempo, inclusive as entrevistas completas de Manoel Antônio Soares da Cunha e Antônio Utsch Moreira, citados neste episódio.

O podcast Censos do Brasil é um oferecimento da Memória IBGE. Eu sou Fabio Carvalho e roteirizei, produzi e editei este episódio, com o apoio de Vera Abrantes que me ajudou com algumas informações para a elaboração do roteiro.

[Música instrumental]